

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

PHILIP H.
TOWNER

1 E 2 TIMÓTEO
E TITO



VIDA NOVA

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	xiii
<i>Prefácio do editor da série original</i>	xvii
<i>Prefácio do autor</i>	xix
<i>Reduções gráficas</i>	xxiii
Introdução	1
I. Introdução e objetivo.....	1
II. As Cartas a Timóteo e Tito nos primeiros séculos	4
A. Recepção e canonicidade.....	4
B. Texto e tradução	7
III. Interpretações das cartas na era contemporânea: opções interpretativas e a questão da autoria.....	9
A. O paradigma tradicional e sua condição atual (a interpretação minoritária)	10
1. A teoria da segunda prisão.....	11
2. Localizando as cartas na estrutura de Atos.....	13
B. O paradigma contemporâneo (a interpretação majoritária)	15
1. O paradigma contemporâneo e sua metodologia.....	15
2. Avaliando o paradigma contemporâneo	21
a. Pseudonímia.....	21
b. Disjunções históricas ilegítimas	22
c. Disjunções literárias ilegítimas	23
C. A busca por um meio-termo histórico: “alonímia”	26
IV. Interpretando as cartas em seu contexto histórico	27
A. O caráter literário das Cartas a Timóteo e Tito.....	27
1. A unidade e individualidade das cartas	27
2. O caráter literário das cartas	32

B. Interpretando as cartas como cartas: o caráter histórico das Cartas a Timóteo e Tito	38
1. Éfeso e Creta: cidades e igrejas.....	38
2. Elementos do cenário histórico e cultural.....	42
a. Doutrinas falsas/oposição/movimentos culturais	42
b. A organização das igrejas.....	52
c. Os destinatários: Timóteo e Tito	54
C. Unidade e diversidade de elementos teológicos e temáticos	55
1. Elementos de teologia compartilhados.....	56
a. Salvação em Jesus Cristo	56
b. O evangelho e a missão paulinos	57
c. O Espírito Santo.....	59
d. A vida cristã	59
e. Igreja e liderança	60
f. A autoridade e o uso das Escrituras	61
2. Em busca de um centro cristológico: Salvador e epifania	62
3. As trajetórias da cristologia nas três cartas	65
a. Cristologia em 1Timóteo: “Cristo Jesus, ele mesmo humano”	66
b. Cristologia em Tito: Cristo Jesus, co-Salvador	67
c. Cristologia em 2Timóteo: o Senhor Jesus Cristo, paradigma de sofrimento e vindicação	68
d. Unidade e diversidade na cristologia das Cartas a Timóteo e Tito	71
D. Perspectiva teológica, estrutura e mensagem nas cartas	72
1. 1Timóteo: a <i>oikonomia theou</i> e a <i>oikos theou</i>	72
a. A perspectiva teológica de 1Timóteo	72
b. A estrutura e a mensagem de 1Timóteo.....	73
2. Tito: O Deus que não mente e o engano cultural de Creta.....	78
a. A perspectiva teológica de Tito.....	78
b. A estrutura e a mensagem de Tito.....	79
3. 2Timóteo: Sofrimento e sucessão.....	83
a. A perspectiva teológica de 2Timóteo.....	83
b. A estrutura e a mensagem de 2Timóteo.....	84
V. Paulo e as Cartas a Timóteo e Tito: definindo os parâmetros.....	88
A. Paulo e as Cartas a Timóteo e Tito	88
B. As cartas de Paulo no âmbito de sua missão: cartas às igrejas e cartas aos cooperadores	89
C. O enigma da autoria: questões em aberto.....	90
D. Adeus às “Epístolas Pastorais”?	92

A Primeira Carta a Timóteo

Texto e comentário

I. Saudação inicial (1.1-2)	96
A. O autor	98
B. O destinatário.....	103
C. O cumprimento	106
II. Corpo da carta (1.3—6.21a).....	109
A. Ordenando e organizando a casa de Deus: Parte I (1.3—3.16)	110
1. Quanto aos falsos mestres e à falsa doutrina (1.3-20).....	111
a. A comissão de Timóteo: confrontar os oponentes (1.3-7).....	112
<i>Excursus</i> : Consciência nas Cartas a Timóteo e Tito.....	124
b. A Lei e o evangelho de Paulo (1.8-11)	130
c. O chamado de Paulo como padrão de conversão (1.12-17)	142
<i>Excursus</i> : A fórmula da “afirmação digna de confiança”	153
d. A retomada da incumbência a Timóteo (1.18-20).....	166
2. Quanto à oração apropriada na igreja (2.1-7)	175
<i>Excursus</i> : Piedade e respeitabilidade.....	184
3. O comportamento de homens e mulheres no culto público (2.8-15).....	206
<i>Excursus</i> : Autocontrole.....	224
<i>Excursus</i> : Boas obras.....	228
4. Quanto às qualificações dos supervisores e diáconos (3.1-13)	259
a. Qualificações dos supervisores (3.1-7)	269
b. Qualificações dos diáconos (3.8-13)	282
5. A igreja e a fé (3.14-16).....	293
B. Ordenando e organizando a casa de Deus: Parte II (4.1—6.21a).....	309
1. Quanto à heresia, à piedade e à responsabilidade de Timóteo (4.1-16)	310
a. O surgimento da heresia (4.1-5)	311
b. Ensino sadio e piedade (4.6-10)	327
c. Timóteo: paradigma do mestre saudável (4.11-16).....	339
2. Quanto a outros grupos na casa de Deus (5.1—6.2a).....	357
a. Tratamento adequado das faixas etárias (5.1-2)	358
b. Tratamento adequado das viúvas (5.3-16)	362
c. Reconhecimento e disciplina adequados dos presbíteros (5.17-25).....	392
d. Expectativas dos escravos (6.1-2a).....	413

3. Contrastando falsos e verdadeiros mestres: piedade, ganância e o uso correto da riqueza (6.2b-21a)	426
a. Incumbência a Timóteo: confrontar os falsos mestres e seu desejo por riqueza (6.2b-10)	429
b. Reformulação da comissão de Timóteo: caráter genuíno e motivação para o ministério (6.11-16)	444
<i>Excursão: O conceito de epifania</i>	455
c. Uma perspectiva corrigida sobre riqueza (6.17-19)	465
d. Repetindo a incumbência de confrontar os oponentes (6.20-21a).....	471
III. Bênção final (6.21b).....	477

A Segunda Carta a Timóteo

I. Saudação inicial (1.1-2)	480
A. O autor	481
B. O destinatário.....	485
C. O cumprimento	487
II. Corpo da carta (1.3—4.18).....	489
A. O chamado ao compromisso pessoal e ao ministério capacitado pelo Espírito (1.3-18).....	490
1. Ação de graças pela fé de Timóteo (1.3-5).....	491
2. O chamado renovado à ousadia e à fidelidade no ministério (1.6-14).....	503
a. O chamado à ação (1.6-8).....	505
b. O evangelho pelo qual sofremos (1.9-10).....	515
c. O modelo apostólico para Timóteo e o chamado à sucessão (1.11-14)	523
3. Modelos de vergonha e de coragem (1.15-18)	530
B. Chamado à dedicação e à fidelidade (2.1-13)	538
1. Realize o seu ministério com dedicação (2.1-7).....	539
2. Razões para suportar o sofrimento (2.8-13).....	551
C. Abordando o desafio da oposição na igreja (2.14-26)	569
D. Profecia, compromisso e chamado (3.1—4.8).....	608
1. A heresia em Éfeso da perspectiva profética (3.1-9)	609
2. A maneira de seguir Paulo (3.10-17)	628
3. A incumbência final a Timóteo (4.1-8).....	654
III. Instruções finais e informações pessoais (4.9-18).....	680
IV. Saudações, instruções e bênção finais (4.19-22).....	713

A Carta a Tito

I. Fontes de informação sobre os antecedentes de Creta	722
II. Saudação inicial (1.1-4)	726
A. Paulo e seu apostolado (1.1-3)	728
B. Tito: o destinatário (1.4a)	740
C. O cumprimento (1.4b)	742
III. Corpo da carta (1.5—3.11)	744
A. Instruções para Tito (1.5-16)	746
1. A instrução abrangente para Tito: colocar em ordem e completar a tarefa (1.5)	747
2. Designar líderes da igreja capazes de instruir a igreja e corrigir os oponentes (1.6-9)	751
3. Identificar e confrontar os oponentes (1.10-16)	765
B. Instruções para a igreja (2.1—3.11)	785
1. Algumas questões locais e formais de introdução	786
2. Vida cristã no âmbito da família (2.1-15)	792
a. Viver de acordo com a sã doutrina (2.1-10)	792
b. A base dessa vida (2.11-14)	817
c. Síntese da ordem para Tito (2.15)	844
3. Viver como a igreja no mundo (3.1-8)	847
a. Vida cristã na sociedade (3.1-2)	849
b. A teologia que gera essa vida (3.3-7)	855
c. O motivo (3.8)	872
4. Disciplinar os oponentes na igreja (3.9-11)	878
IV. Notas e instruções pessoais (3.12-14)	884
V. Saudações finais e bênção (3.15)	890
<i>Bibliografia</i>	893
<i>Índice remissivo</i>	921
<i>Índice de referências bíblicas</i>	933
<i>Índice de literatura extrabíblica antiga</i>	979
<i>Índice de palavras-chave gregas</i>	995

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários dessa série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm o objetivo de entender a perícopes em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem essa série.

Primeiramente, e acima de tudo, eles se ocupam *do texto* das Escrituras. Não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue essa série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão,

pois como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, uma vez que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos —, os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira essa preciosa série de comentários bíblicos.

¹As *crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio do editor da série original

Quando concordei em suceder o falecido F. F. Bruce como editor dessa série de comentários, havia três volumes que ainda não haviam sido publicados (Mateus, Epístolas Pastorais, Judas—2Pedro), e essa seria minha primeira tarefa como editor. Por diversas razões, já se passou uma década e meia, e este volume (felizmente) é o primeiro desses três a ser publicado (e estamos confiantes de que os outros dois serão publicados em alguns anos). Portanto, como editor, tenho o prazer de finalmente escrever um “Prefácio do editor” para um dos três volumes “faltantes”.

É também um distinto privilégio apresentar este volume à igreja e à academia. Cerca de quarenta anos depois de o contrato original para este volume ter sido emitido pelo editor original, professor Ned Stonehouse, mas por vários motivos não ter sido concretizado, o dr. Towner me abordou pela primeira vez em 1990 sobre a possibilidade de ele escrever este comentário. Nesse ínterim, Phil havia sido meu colega durante um ano como professor visitante no Regent College, onde estabelecemos uma amizade muito cordial e duradoura. Portanto, foi com especial alegria que, em 1995, pude abordar Phil e convidá-lo para a série. Mas, ao aceitar a proposta, ele também indicou que, além de trabalhar em tempo integral como consultor de tradução na United Bible Societies [Sociedades Bíblicas Unidas], ele também estava envolvido em alguns outros projetos.

Aqueles que farão uso deste comentário ficarão agradecidos por termos esperado até que ele concluísse essa obra. Phil escreveu a sua tese de doutorado sobre alguns aspectos teológicos e éticos dessas cartas, a qual foi publicada em 1989 e se tornou uma parte importante da literatura. Enquanto isso, tendo trabalhado em estreita colaboração com o professor I. Howard Marshall (seu *Doktorvater*) em seu volume do *International Critical Commentary* [Comentário Crítico Internacional], o dr. Towner agora tinha bastante experiência trabalhando com o texto mais uma vez com grande esmero. Entretanto, ele também publicou

amplamente sobre vários aspectos dessas cartas e, ao fazê-lo, desenvolveu a sua própria abordagem e compreensão das chamadas Epístolas Pastorais.

Aqui está, portanto, um comentário cuja edição foi prazerosa. Tendo escrito um comentário mais curto sobre essas cartas há duas décadas, aprendi muito com este volume. O dr. Towner apresenta aqui uma opção genuinamente nova e estimulante para a compreensão dessas cartas como, em última análise, provenientes da própria missão paulina. Sem ser dogmático ou argumentativo, ele envolveu a comunidade acadêmica e interagiu com ela com suas próprias percepções distintivas sobre o possível significado dessas cartas dentro dessa missão. É um prazer recomendá-lo à igreja e à comunidade acadêmica.

Tenho, portanto, o prazer de recomendar este volume à igreja e à academia para que seus leitores estejam atentos e ouçam o que Espírito quer dizer às igrejas do século 21.

GORDON D. FEE

Prefácio do autor

É justo pedir aos autores de novos comentários que expliquem por que razão acrescentar mais um aos muitos volumes já disponíveis. No meu caso, uma convergência de duas histórias sugere um motivo. Primeiro, este volume específico da série *New International Commentary on the New Testament* [Novo Comentário Internacional do Novo Testamento] nunca havia sido escrito — havia uma lacuna e fui solicitado a preenchê-la. Segundo, minha história pessoal com essas cartas do Novo Testamento fornece alguns antecedentes, ao mesmo tempo que também aguça a questão inicial sobre o motivo pelo qual *eu* gostaria de escrever este comentário. Essa história tem suas origens na pesquisa que realizei há mais de duas décadas na University of Aberdeen, na Escócia. Desde então, a pesquisa relacionada às cartas a Timóteo e a Tito tem ocupado constantemente uma parte do meu tempo. Tentativas iniciais de publicação — alguns artigos em periódicos, uma monografia baseada em minha tese de doutorado e um comentário mais curto — emanaram da pesquisa de doutorado. Eu tinha um comentário mais extenso em mente quando Howard Marshall me convidou para voltar a Aberdeen para ajudá-lo a escrever o volume do *International Critical Commentary* (ICC) [Comentário Crítico Internacional] sobre as Epístolas Pastorais. Durante esse período, Gordon Fee convidou-me para escrever este comentário. Mesmo depois de dois anos de intensa colaboração em um comentário acadêmico, permaneci convencido de que havia mais a ser dito sobre essas cartas do Novo Testamento, ou, pelo menos, mais que eu gostaria de dizer. E assim, finalmente, surgiu esta obra.

Contudo, tendo em conta o projeto do ICC, no qual me baseio em muitos aspectos (veja as notas), é importante mencionar de maneira muito breve, e sem estragar quaisquer surpresas, alguns dos elementos que tornarão este comentário distinto (veja adiante na Introdução). Primeiro, a sensação de desconforto que o professor Marshall e eu compartilhamos em relação à visão de autoria denominada “pseudonímia” continua a ser refletida no presente trabalho. Mas pressionei

em outra direção na minha indagação sobre o consenso acadêmico intratável e monolítico (e ainda não comprovado; mais uma vez, veja a Introdução).

Em segundo lugar, examinei de novo o cenário das cartas nos seus contextos políticos, sociais, religiosos e eclesiásticos. De interesse específico é a influência de movimentos e histórias culturais predominantes que podem ter influenciado a vida e as percepções em Éfeso e Creta. Alguns poderiam alertar que a criatividade nesses exercícios acadêmicos pode ser excessiva; mas prefiro inserir as advertências habituais nas minhas reconstruções a arriscar perder alguma pista útil para a interpretação que de outra forma não teria sido levantada.

Em terceiro lugar, o Antigo Testamento normalmente não aparece em grande parte da interpretação das cartas a Timóteo e Tito. No entanto, nos estudos paulinos, nunca ficou tão evidente que a história de Israel, tal como contada nas Escrituras Judaicas (em grego para Paulo), é a estrutura da cosmovisão que o apóstolo procura partilhar com as suas igrejas. Estudos sobre intertextualidade demonstraram que os autores do Novo Testamento abordam essas Escrituras de formas muito mais sutis do que com citações evidentes, e fazem-no de forma bastante intencional para atrair ouvintes e leitores para além dos limites da história, para se encontrarem no âmbito da narrativa redentora de Deus (e avaliados por ela). As razões para isso podem ser bastante surpreendentes. Prestei especial atenção à intertextualidade ao longo do comentário.

Um tipo semelhante de envolvimento nas histórias culturais que moldam as cosmovisões pode ser detectado nas cartas de Paulo. A possibilidade de que esse envolvimento pretenda não apenas recorrer a conceitos e linguagem atuais para facilitar a comunicação (i.e., para fins de contextualização), mas desafiar, opor-se e subverter ideias predominantes torna obrigatória a investigação de paralelos linguísticos e conceituais. O autor dessas três cartas não empregou a linguagem de “epifania”, “piedade”, “Salvador” e expressões similares, nem recorreu às características dominantes de benefício e patronato simplesmente porque eram atuais. Na verdade, elas eram proeminentes na propagação e promoção do culto imperial, e o uso paulino desse material para comunicar o evangelho foi concebido para forçar um confronto intelectual que exporia a hegemonia romana em si. Explorei esse tipo de contraproposta e sua relevância para a interpretação em vários pontos do comentário.

Assim, seguindo essas várias rotas (entre outras), pretendo trazer à tona a mensagem vital e a teologia da existência cristã, da igreja e da sua missão no mundo, conforme encontradas nas cartas a Timóteo e Tito. Estou apoiado sobre os ombros de muitos estudiosos que vieram antes de mim e procurei tratá-los com justiça e aplicá-los bem. Mas optei por ser seletivo na minha interação com a literatura acadêmica. A intenção não é que as notas de rodapé sirvam como

inventários de erudição sobre esta ou aquela perspectiva. Antes, cito autores porque acrescentam algo esclarecedor à análise, ao contexto, à linguagem ou à cultura, ou às vezes porque representam uma alternativa interessante que vale a pena considerar.

Comentários recentes em inglês (e.g., os de Marshall, Johnson e Mounce) processaram de forma bastante exaustiva as descobertas críticas textuais de J. K. Elliott e B. M. Metzger sobre essas cartas. Portanto, optei por não duplicar esses esforços ao explorar todas as variantes do texto grego e, em vez disso, restringir minhas análises aos pontos em que as variantes textuais influenciam de modo significativo as conclusões exegéticas.

Devo agradecimentos a muitas pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra para este projeto. Deixe-me começar com dois estudiosos e amigos. Estou profundamente grato ao dr. I. Howard Marshall. Primeiro como pesquisador sob sua supervisão e depois como seu colega e colaborador, tive a oportunidade de realizar pesquisas sobre vários aspectos das Cartas a Timóteo e Tito. A experiência adquirida trabalhando com ele preparou o caminho para este livro. Também sou profundamente grato ao dr. Gordon Fee por me convidar para escrever este livro, pela amizade e pelo companheirismo que se desenvolveram ao longo do processo, por sua paciência e incentivo quando o progresso era lento e por sua interação minuciosa e perspicaz com os rascunhos. Esses dois cavalheiros e irmãos cristãos nunca hesitaram em investir a vida deles nos seus alunos e colegas, e a minha vida é muito mais rica pela sua generosidade.

Outro a quem estou profundamente grato é Milt Essenburg, da Eerdmans. Ele permaneceu incansavelmente na brecha, garantindo que os erros fossem detectados e as expressões ficassem claras. Tenho valorizado sua percepção, competência, experiência e incentivo.

Certamente seria negligência da minha parte deixar de agradecer à minha turma de estudantes de grego avançado no Denver Seminary. No outono de 2004, leram partes da versão final, fizeram comentários, detectaram erros e envolveram-se nas minhas ideias com a sua habitual combinação de paciência, ceticismo, bom humor e mente aberta. Sou especialmente grato a Brian Bennett, membro dessa turma notável, que me levou para o aeroporto e me buscou de lá inúmeras vezes e, em um momento decisivo, me apresentou ao filme *Napoleon Dynamite*. Outro ex-aluno, Samuel Thomas (agora colega na United Bible Societies), deve ser lembrado pela ajuda de última hora com um dos índices.

Membros de nosso(s) grupo(s) na(s) casa(s) na igreja Messiah Episcopal Church, em St. Paul, Minnesota, oraram pela conclusão deste livro. Obrigado, Julie e Paul Saxton, Robin e Jim Morical, Carol Meinders, Debbie e David Reynolds, Sheri e Mark Hank e Leslie e John Winter.

Minha esposa, Anne, que generosamente doou seu tempo para ajudar com a bibliografia e os índices, e minhas filhas, Rebekah e Erin, têm sido uma grande parte desta aventura. Que o Senhor as abençoe ricamente em tudo o que fazem, assim como me abençoou por meio da presença de cada uma de vocês em minha vida.

Finalmente, é com grande prazer que dedico este livro ao rev. dr. Walter M. Dunnnett. Desde os dias da minha graduação, ele tem sido um modelo de excelência acadêmica e de maturidade cristã, e sou muito grato pelo papel que desempenhou em minha vida. Devo agradecer a ele por me apresentar a I. Howard Marshall, por meio do comentário de Lucas da série *New International Greek Testament Commentary*, bem como à importância das “fontes primárias”. Ele, de maneira muito generosa e hábil, leu o rascunho completo e sou grato por sua contribuição.

PHILIP H. TOWNER

Reduções gráficas

I. Abreviações gerais

a.C.	antes de Cristo	i.e.	<i>id est</i> (isto é)
acus.	acusativo	impv.	imperativo
ad loc.	<i>ad locum</i> (no lugar)	indic.	indicativo
adj.	adjetivo	inf.	infinitivo
adv.	advérbio	lit.	literalmente
aor.	aoristo	LXX	Septuaginta
art.	artigo	masc.	masculino
AT	Antigo Testamento	méd.	médio, média
at.	ativa, ativo	ms(s)	manuscrito(s)
c.	<i>circa</i> (cerca de)	n.	número
cap(s).	capítulo(s)	n.s.	nova série
cf.	confira	NA	Nestle–Aland
comp.	comparativo	neut.	neutro
conj.	conjunção	nom.	nominativo
d.C.	depois de Cristo	NT	Novo Testamento
dat.	dativo	obj.	objeto
e.g.	<i>exempli gratia</i> (por exemplo)	opt.	optativo
ed.	edição	org(s).	organizador(es)
EP	Epístolas Pastorais	P.	Papiro
esp.	especialmente	par(s).	parágrafo(s)
et al.	<i>et alii</i> (e os outros)	pass.	passivo
etc.	<i>et cetera</i> (e o restante)	perf.	perfeito
fem.	feminino	pess.	peessoa
fig.	figurado	pl.	plural
frag.	fragmento	pred.	predicado
freq.	frequentemente	pref.	prefácio
fut.	futuro	prep.	preposição
gen.	genitivo	pres.	presente
gr.	grego	pron.	pronomes
		ptc.	particípio
		q.v.	<i>qui vide</i> (queira ver)

refs.	referências	tb.	também
reimpr.	reimpressão	Tebt.	Tebtunis
rel.	relativo	<i>Tg.</i>	<i>Targum</i>
rev.	revisado, reverendo	TM	Texto Massorético
s.l.	sem local	trad.	traduzido por
s.p.	sem paginação	UBS	United Bible Societies
s.v.	<i>sub verbum</i> (no verbe)	v.	versículo(s)
sc.	<i>scilicet</i> (quer dizer)	v.l.	<i>varia lectio</i> (variante textual)
sg.	singular	vol.	volume
subj.	subjuntivo	vs.	<i>versus</i> (contra)
subst.	substantivo	Vulg.	Vulgata

II. Traduções e paráfrases

CEV	Contemporary English Version
GNB	Good News Bible
KJV	King James Version
NEB	New English Bible
NIV	New International Version
NJB	New Jerusalem Bible
NKJV	New King James Version
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version
REB	Revised English Version
TEV	Today's English Version
TNIV	Today's New International Version

III. Livros apócrifos

Ac Et	Acréscimos a Ester
Bl	Bel e o Dragão
Br	Baruque
1Ed	1Esdras
2Ed	2Esdras
Eo	Eclesiástico (Sirácida)
Ep Jr	Epístola de Jeremias
Jt	Judite
1, 2, 3 e 4Mc	1, 2, 3, 4Macabeus
Sb	Sabedoria de Salomão
Sn	Susana
Tb	Tobias

IV. Manuscritos do Mar Morto

1QapGen	1QGênesis Apócrifo
1QH	Hinos (<i>Hodayot</i>)
1QM	Rolo da Guerra
1QpHab	Pesher de Habacuque
1QS	Regra da Comunidade
1QSa	Regra da Congregação
CD	Documento de Damasco

V. Literatura da Mishná e relacionados

<i>B. Meş.</i>	<i>Baba Meşi'a</i>
<i>Git.</i>	<i>Giṭṭin</i>
<i>Ker.</i>	<i>Kerithot</i>
<i>Menah</i>	<i>Menahot</i>
<i>Ned.</i>	<i>Nedarim</i>
<i>Qidd.</i>	<i>Qiddushin</i>
<i>Sanh.</i>	<i>Sanhedrin</i>
<i>Soṭah</i>	<i>Soṭah</i>
<i>Yebam.</i>	<i>Yebamot</i>
<i>Yoma</i>	<i>Yoma</i>

VI. Outras obras rabínicas

<i>Midr. Sl.</i>	<i>Midrash nos Salmos</i>
<i>Pirqe Abot</i>	<i>Pirqe Abot</i>
<i>Pirqe R. El.</i>	<i>Pirqe de Rabino Eliézer</i>
<i>Rab. de Êx</i>	<i>Rabá de Êxodo</i>
<i>Rab. de Gn</i>	<i>Rabá de Gênesis</i>
<i>Sipre Dt</i>	<i>Sipre de Deuteronomio</i>

VII. Obras targúmicas

<i>Tg. Pal.</i>	<i>Targum Palestino</i>
<i>Tg. de Ps.-J.</i>	<i>Targum de Pseudo-Jónatas</i>

VIII. Publicações gerais

AB	Anchor Bible
ABD	Anchor Bible Dictionary
AnBib	Analecta biblica
BAGD	BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W., <i>A Greek-English Lexicon of the New Testament</i> (2. ed.)
BBB	Bonner biblische Beiträge

BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W., <i>A Greek-English Lexicon of the New Testament</i> (3. ed.)
BDF	BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. W., <i>A Greek grammar of the New Testament</i>
BET	Beiträge zur evangelischen Theologie
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BibInt</i>	<i>Biblical Interpretation</i>
<i>BibLeb</i>	<i>Bibel und Leben</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
<i>BT</i>	<i>Bible Translator</i>
<i>BTS</i>	<i>Bible et terre sainte</i>
BWANT	Beiträge zur Wissenschaft vom Alten und Neuen Testament
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
<i>CH</i>	<i>Church History</i>
<i>ConNT</i>	<i>Coniectanea neotestamentica</i>
<i>DLNTD</i>	<i>Dictionary of the Later New Testament and its developments</i>
<i>DPL</i>	<i>Dictionary of Paul and his Letters</i> [publicado em português por Vida Nova/Paulus/Loyola sob o título <i>Dicionário de Paulo e suas cartas</i>]
<i>EDBT</i>	<i>Evangelical dictionary of Biblical Theology</i>
<i>EDNT</i>	<i>Exegetical dictionary of the New Testament</i>
EKKNT	Evangelisch-katholischer Kommentar zum Neuen Testament
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ExpTim</i>	<i>Expository Times</i>
FRLANT	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments
<i>HBT</i>	<i>Horizons in Biblical Theology</i>
HTKNT	Herders theologischer Kommentar zum Neuen Testament
<i>HR</i>	<i>History of Religions</i>
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
ICC	International Critical Commentary
<i>Int.</i>	<i>Interpretation</i>
IvEph	WANKEL, H. et al. orgs., <i>Die Inscriften von Ephesus</i> (Bonn: Habelt, 1979-1984).
<i>JAAR</i>	<i>Journal of the American Academy of Religion</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JRelSt (JRS)</i>	<i>Journal of Religious Studies</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTS</i>	Supplemental volume to <i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>

LSJ	LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S.; MCKENZIE, R., <i>A Greek-English Lexicon</i>
LTP	<i>Laval théologique et philosophique</i>
MM	MOULTON, J. H.; MILLIGAN, G., <i>The vocabulary of the Greek New Testament</i>
MTS	Marburg Theological Studies
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIDNTT	<i>The new international dictionary of New Testament theology</i> [publicado em português por Vida Nova sob o título <i>Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento</i>]
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NovT	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Supplement to <i>Novum Testamentum</i>
NTD	Das Neue Testament Deutsch

Introdução

I. Introdução e objetivo

As Cartas de 1Timóteo, 2Timóteo e Tito são conhecidas como “Epístolas Pastorais” (EP) desde cerca do século 18,¹ mas já no século 2 foram agrupadas no *corpus* paulino mais amplo.² No decorrer da interpretação do Novo Testamento, esse agrupamento inegavelmente trouxe algumas consequências adversas. Há, no entanto, boas razões para considerar essas três cartas em conjunto — elas são singulares no âmbito do *corpus* paulino — embora isso de forma alguma permita que os intérpretes ignorem a individualidade histórica e literária das cartas. Primeiro, são as únicas cartas paulinas dirigidas a cooperadores individuais, não a igrejas. Segundo, o seu assunto faz distinção entre elas e outras cartas paulinas, embora esse critério deva ser aplicado com cuidado, pois se aplica a qualquer carta paulina individual em relação a alguma outra. Terceiro, nos níveis linguístico e conceitual parece haver pontos significativos de dessemelhança e semelhança quando comparados com as outras cartas paulinas. Essas são observações indispensáveis para uma compreensão adequada dessas cartas aos cooperadores no âmbito do ministério paulino, mas na maior parte o seu efeito final nos estudos contemporâneos tem sido isolar essas cartas das outras cartas paulinas e consigná-las de forma bastante rígida como seu próprio *corpus*. Consequentemente, em quarto lugar, como “EP”, essas três cartas têm batalhado nos últimos tempos por um lugar nos debates sobre a teologia paulina.

¹Veja a análise em D. Guthrie, *New Testament Introduction* (Downers Grove: InterVarsity, 1970), p. 584; referindo-se a P. Anton, *Exegetische Abhandlung der Pastoral-Briefe Pauli an Timotheum und Titum* (edição de J. A. Maier; 1753–1755); cf. R. F. Collins, *Letters Paul did not write: the Epistle to the Hebrews and the Pauline pseudepigrapha*, Good News Studies 28 (Wilmington: Michael Glazier, 1988), p. 88.

²Esta é a implicação derivada de Ireneu, sobre a qual veja adiante: II. A. Recepção e canonicidade, p. 4–7.

Como ponto de partida metodológico e hermenêutico, este comentário se propõe descartar o conceito que está por trás de grande parte da compreensão atual das cartas como “EP” e da própria nomenclatura — exceto como referência a leituras e interpretações que presumem a condição de *corpus* das três cartas — e ler as cartas em primeiro lugar como produções literárias distintas. Mas antes que essa forma alternativa de leitura possa ser introduzida, e em preparação para ela, é essencial primeiro traçar as conjunturas dessas cartas nos estudos acadêmicos recentes, em que as cartas tendem a permanecer ou sucumbir como grupo. Antes de abordar este e outros elementos de introdução, é necessário analisar o objetivo e a organização de uma introdução que lerá e interpretará as cartas individualmente.

É prática padrão na redação de comentários sobre os escritos bíblicos apresentar uma introdução ao escrito específico a ser considerado. Isso permite a análise das numerosas questões que constituem os antecedentes da escrita (históricos, sociais, literários, teológicos etc.) que podem lançar luz sobre a interpretação. E isso também permite que o escrito bíblico seja colocado em uma estrutura interpretativa estabelecida principalmente pelo consenso dos estudiosos contemporâneos. Consequentemente, tanto as questões históricas quanto as contemporâneas formam o contexto de uma interpretação atual de um escrito bíblico. No caso das Cartas a Timóteo e Tito, porém, certas decisões sobre como organizar uma introdução tornam-se mais complexas.

A razão para isso é a predominância de uma abordagem particular a essas cartas, adotada tanto por aqueles que as consideram autênticas quanto especialmente por aqueles que as consideram obras pseudônimas escritas em algum momento depois de Paulo. Isso pode ser chamado de tendência de lê-las como um *corpus* — uma obra de três volumes em que nenhuma das três partes pode ser lida separadamente das outras duas, e em que as observações em qualquer parte podem ser consideradas imediatamente aplicáveis à interpretação das duas partes restantes. Esse tipo de interpretação de *corpus*, como veremos adiante, tem algum mérito, mas apenas no sentido de que elementos literários e conceituais comuns a essas três cartas, mas ausentes nos outros escritos paulinos, sugerem um segundo horizonte contextual além daquele da carta individual que pode lançar luz sobre a interpretação. Mas as limitações inerentes a essa abordagem de *corpus* superam em muito quaisquer benefícios para a interpretação que possam derivar dela. E a adoção dessa forma de leitura está tão intimamente ligada a um conjunto de pressupostos sobre a natureza dessas três cartas que também moldou a forma em que as introduções aos comentários foram escritas.

As leituras dessas três cartas como *corpus* exigiram introduções para o *corpus*. Não há como negar que há razões históricas para agrupá-las. São as únicas cartas

a cooperadores e, dada a sua extensão, aparecem juntas no cânon, perto do final do *corpus* paulino. Razões interpretativas menos óbvias por trás da leitura de *corpus* incluem a suposição de alguns estudiosos conservadores de que, embora autênticas, as cartas vêm depois do restante das cartas paulinas, que podem ser colocadas na estrutura cronológica de Atos ou de outras cartas paulinas. A decisão semelhante da opinião majoritária de que as cartas são pós-paulinas serve igualmente para reforçar o efeito de *corpus*.

O pressuposto deste comentário, compartilhado com outros, é que as cartas a Timóteo e Tito aparecem como três cartas separadas escritas por Paulo aos seus cooperadores, Timóteo e Tito. Além disso, não há razões convincentes para lê-las de modo diferente do que outras unidades distintas de correspondência. Mas, se os efeitos a longo prazo de serem lidas como *corpus* forem neutralizados, a questão é qual a maneira mais adequada de “introduzir” as cartas de uma forma que as coloque na série de estruturas contextuais necessárias para avançar com sua interpretação e exposição como cartas individuais.

Uma maneira ideal de fazer isso num único volume dedicado às três cartas talvez seja fornecer, antes de tudo, uma introdução geral. Isso trataria de questões globais, como uma história da interpretação e uma descrição e avaliação das abordagens das cartas por estudiosos recentes. Questões relacionadas ao cenário histórico, propósito e teologia poderiam então ser deixadas para introduções específicas que precedem cada tratamento comentado das cartas individuais.³ Por duas razões, entretanto, optei por não seguir esse caminho. A primeira é uma preocupação prática. Estou ciente de que as introduções normalmente são colocadas no início, e estou preocupado especialmente com a possibilidade de que as introduções aos aspectos teológicos e conjunturais das cartas se percam em um novo rearranjo. Em segundo lugar, e mais relevante na minha opinião, é que considero que as cartas individuais mantêm, ao mesmo tempo, certo grau de inter-relação (veja adiante), de modo que certos elementos linguísticos e conceituais, na verdade, são permanentes de uma forma muito qualificada. Essa continuidade nunca desprezita qualquer singularidade e independência das cartas (cf. as Cartas aos Tessalonicenses ou aos Coríntios). Consequentemente, no intuito de descrever a natureza agrupada das cartas aos cooperadores no que diz respeito à unidade e à diversidade, optei por colocar as análises introdutórias em uma única introdução que precede o tratamento individual das cartas.

³Cf. o excelente modelo em Johnson, p. 13-99, 135-54, 319-30. Por outro lado, a obra de três volumes de Oberlinner, embora perfeita no formato para apresentar as cartas como escritos distintos — com um livro separado para a abordagem de cada carta — trata, no entanto, de assuntos introdutórios como assuntos globais no início do primeiro volume.

II. As Cartas a Timóteo e Tito nos primeiros séculos

Ao procurar situar uma carta do NT no contexto histórico, pode parecer mais adequado, cronologicamente, começar com uma consideração do texto grego que forma a base de nossas traduções contemporâneas. Na ausência do texto original, porém, contamos com cópias posteriores e uma reconstrução eclética que é ainda muito posterior. Antes de descrever as fontes das quais nossas traduções são feitas, consideraremos a história da recepção e do uso inicial dessas cartas, pois é por meio do uso e da atestação delas pela igreja que obtemos uma ideia sobre a percepção da autoridade delas como escritos apostólicos.⁴

A. Recepção e canonicidade

Os intérpretes contemporâneos concedem vários graus de importância ao *status* atribuído às Cartas a Timóteo e Tito na igreja antiga. Essas cartas obviamente foram incluídas no cânon, mas quão cedo foram atestadas como paulinas e imbuídas de autoridade? A evidência é questionável em alguns pontos, visto que às vezes é impossível constatar se a linguagem de um dos primeiros autores cristãos reflete o conhecimento dessas cartas ou simplesmente o uso de fraseologia comum. No entanto, a evidência de Policarpo (c. 110–135)⁵ e 1Clemente⁶ (*o uso da linguagem e citações casuais*) sugere fortemente que essas cartas eram conhecidas e usadas por essas primeiras testemunhas. No caso de Policarpo, seu conhecimento e uso do corpus paulino como um todo sugere ainda que as Cartas a Timóteo e Tito eram consideradas parte dessa coleção. Ireneu (c.120/140–200/203) atribui 1Timóteo “ao apóstolo”.⁷ Clemente de Alexandria (c. 150–211) cita 1 e 2Timóteo e Tito.⁸ Consequentemente, parece seguro afirmar que a condição [canônica e normativa] atribuída a essas cartas a cooperadores além dos primeiros Pais, no final do século 2 e depois dele, não é

⁴Tendo em vista as análises completas em, e.g., Johnson, p. 20–26; Marshall, p. 2–8, não farei aqui tentativa alguma de reproduzir de modo exaustivo as evidências dos primórdios.

⁵Policarpo, *Aos filipenses* 4.1 (referindo-se a 1Tm 6.7,10); cf. 5.2 (= 1Tm 3.8–13), sobre o qual veja W. R. Schoedel, *Polycarp, Martyrdom of Polycarp, Fragments of Papias*. The Apostolic Fathers, vol. 5 (Camden: Nelson, 1965), p. 4–5; D. A. Hagner, *DLNTD*, p. 86.

⁶Veja 1Clemente 2.7; 60.4; 61.2 (cujos textos empregam linguagem que lembra Tt 3.1; 1Tm 2.7; 1Tm 1.17, respectivamente). Para a possibilidade de que Inácio e o autor da *Epístola de Barnabé* também conheciam as Cartas a Timóteo e Tito, veja *The New Testament in the Apostolic Fathers*, pela Oxford Society of Historical Theology (Oxford: Clarendon, 1905), p. 37–40. Mas cf. Johnson, p. 20, nota 16.

⁷*Contra as heresias* 1.pref. (citando 1Tm 1.4); veja tb. 4.16.3 (citando 1.9); 5.17.1 (citando 2.5); 3.1.1 (citando 3.15); 1.23.4 e 2.14.7 (citando 6.20).

⁸*Stromata* 1.1 (citando 1Tm 5.21); 1.9 (citando 6.3–5) etc.; 4.7 (citando 2Tm 1.7–8); 1.10 (citando 2.14) etc.; *Exortação* 1 (citando Tt 2.11–13; 3.3–5).

problemática.⁹ De modo mais marcante, essas cartas estão incluídas no Cânon Muratoriano, o que torna quase certa a sua aceitação no final do século 2.¹⁰

A omissão das Cartas a Timóteo e Tito por Marcião no seu “cânon” é frequentemente citada como razão para cautela ao abordar a questão do *status* imbuído de autoridade destas no século 2. De acordo com uma declaração de Tertuliano, Marcião rejeitou essas cartas da sua coleção imbuída de autoridade;¹¹ presumindo que se trata de uma afirmação precisa, resta-nos decidir se ele o fez porque continham ensinamentos que eram hostis à sua proposta,¹² ou se ele as considerava subpaulinas, embora o primeiro seja mais provável. Alguns explicam a omissão como uma indicação de que a sua cópia dos escritos de Paulo não continha essas cartas¹³ (embora já existissem), ou que Marcião não as conhecia porque ainda não tinham sido escritas.¹⁴ Embora a atividade de Marcião (que incluía um uso presunçoso e seletivo das Escrituras) tenha sido do tipo que inspirou a igreja a confirmar os limites do cânon, sua relevância para a questão do *status* inicial das Cartas a Timóteo e Tito é insignificante. Com base no comentário de Tertuliano, sabemos que as cartas já existiam na época de Marcião, e a tendência mais ampla de rejeitar as cartas (pelo menos as endereçadas a Timóteo) por causa de temas anti-heréticos¹⁵ sugere que a omissão de Marcião foi intencional, mesmo que a sua justificativa exata para isso permaneça obscura.

No geral, os indicadores confirmam que as três cartas eram conhecidas e usadas — como escritos paulinos — antes da época de Policarpo (110-135;

⁹Veja a análise em F. F. Bruce, *The canon of Scripture* (Downers Grove: InterVarsity, 1988), p. 176 [publicado em português por Hagnos sob o título *O cânon das Escrituras*].

¹⁰Sobre essa questão, veja Bruce, *Canon*, p. 158-69; para uma data do século 2, veja E. Ferguson, “Canon Muratori: date and provenance”, in: *Studia Patristica* 17 (edição de E. A. Livingstone; New York: Pergamon, 1982), p. 677-8.

¹¹Tertuliano, *Contra Marcião* 5.21. Veja a análise em B. M. Metzger, *The canon of the New Testament: its origin, development and significance* (Oxford: Clarendon, 1987), p. 159; Marshall, p. 7-8.

¹²E.g., L. T. Johnson, *Letters to Paul's delegates* (Valley Forge: Trinity Press International, 1996), p. 24.

¹³E.g., Bruce, *The canon*, p. 131, 138.

¹⁴E.g., H. Y. Gamble, *The New Testament canon: its making and meaning* (Philadelphia: Fortress, 1985), p. 42; L. M. McDonald, *The formation of the Christian Biblical canon*, ed. rev. ampl. (Peabody: Hendrickson, 1995), p. 157, 141. Para a perspectiva de que Policarpo escreveu essas cartas contra Marcião (o que é extremamente improvável diante da evidência de que Policarpo realmente citou 1Tim), veja Hans von Campenhausen, “Polykarp von Smyrna und die Pastoralbriefe”, in: idem, *Aus der Frühzeit des Christentums* (Tübingen: Mohr [Siebeck], 1964), p. 197-252; H. Koester, *History and literature of early Christianity*, vol. 2: *Introduction to the New Testament* (Philadelphia: Fortress, 1982), p. 297-308.

¹⁵Cf. Clemente, *Stromata* 2.11.